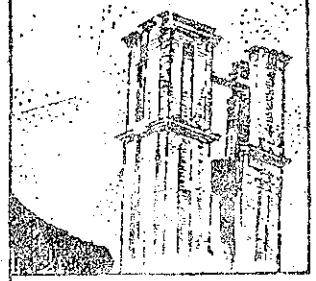
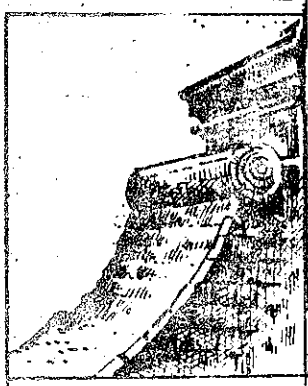


CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 3350045

O Lunar de Sepé



† **E**M NOME DE TODOS OS SANTOS †
NO ANO DE CRISTO JESUS DE 1756
A SETE DE FEVEREIRO
MORREU COMBATENDO
O GRANDE CHEFE GUARANI TIARAIÚ
EM SABADO SANTO
† SUBIU AOS CEUS DMS ANTES DO QUE †
O GRANDE CHEFE DA TABA DO URUGUAI

QUE MORREU A 10 DE FEVEREIRO EM QUARTA-
FEIRA COMBATENDO CONTRA UM EXERCITO DE
1500 SOLDADOS
† AQUI ENTERRADO †
A 4 DE MARÇO
MANDOU LEVANTAR-LHE ESTA CRUZ
O PADRE D. MIGUEL
DESCANSA EM PAZ
†



O LUNAR DE SEPÉ

desenho/planejamento gráfico: edgar de souza

roteiro/textos: flávio aguiar

uma edição SIBILA

O poema "O lunar de Sepé" foi recolhido pelo escritor J. Simões Lopes Neto que o ouviu, em 1902, de uma velha mestiça, Maria Genória Alves, moradora na picada do rio Camaquã. O escritor alterou alguns versos em nome do entendimento.

Sobre a história das reduções guaranis consultamos A República Comunista-Cristã dos Guaranis, de C. Lugon (Rio, Paz e Terra, 1968).

Quanto ao lunar de Sepé, ele pode ser uma invenção popular; talvez sua imagem se originasse de uma cicatriz que o cacique e corregedor índio teria na testa, em forma de meia-lua. O fato real é que o lunar brilhava no pampa.

Sepé nunca foi canonizado pela Igreja. Mas há, no Rio Grande do Sul, uma cidade chamada São Sepé.

São Paulo 1973



GRAM ARMAS DE CASTELA,
QUE VINHAM DO MAR, DE ALEM,
DE PORTUGAL TAMBEM VINHAM,
DIZENDO POR NOSSO BEM:
MAS QUEM FAZ GEMER A TERRA
EM NOME DA PAZ NAO VEM!

O horizonte empalidecia e as estrelas se iam apagando aos poucos. Em torno da redução os campos estendiam-se, ondulados, sob a luz gris. Alonzo olhou para o nascente e foi de repente tomado dum sentimento de apreensão muito semelhante ao mal-estar que lhe deixara o sonho da noite. Naquela direção ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, que Portugal, inimigo da Espanha, estava tratando de garantir para a sua coroa. Um dia, em futuro talvez não muito remoto, os portugueses haveriam fatalmente de voltar seus olhos cobiçosos para os Sete Povos. Fazia sessenta e cinco anos que, com o fim de estender ainda mais seu império na América, haviam eles fundado a margem esquerda do Rio da Prata a Colônia do Sacramento, a qual desde então passara a ser um pomo de discórdia entre Espanha e Portugal. Laguna, posto extremo dos domínios portugueses no sul do Brasil, estava separada da Colônia por uma vasta extensão de terras desertas, cruzadas de raro em raro por grupos de vicentistas que, passando pela estrada por eles próprios rasgada através da Serra Geral, iam e vinham na sua faina de buscar ouro e prata, arrebanhar gado e cavalos selvagens, prear índios e emprenhar índias. Metiam-se esses demônios Continente a dentro, seguiam o curso dos rios, embrenhavam-se nas matas e, abrindo picadas a golpes de facão e machado, fazendo estradas com os cascos de seus cavalos e tropas, iam ao mesmo tempo rechaçando para o oeste e para o sul o inimigo espanhol. Alonzo ouvira contar a história dum bandeirante vicentista que, tendo encontrado nos campos duma vacaria uma cruz de pedra na qual se lia - "Viva El-Rei de Castela, senhor destas campanhas" - deitou-a por terra e ergueu ao lado dela um marco de madeira no

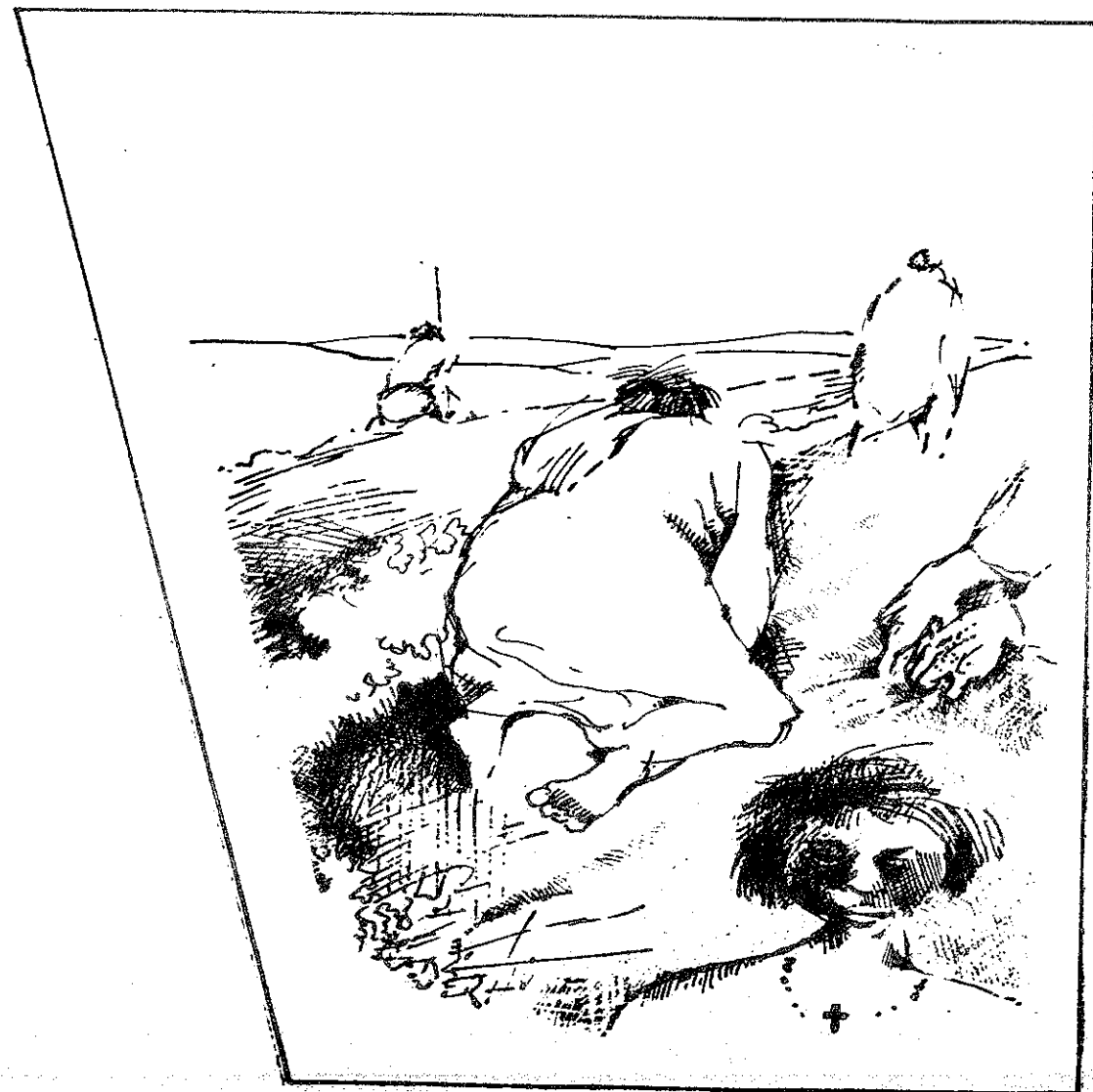
qual escreveu - "Viva o muito alto e poderoso Rei de Portugal, D. João V, senhor destes desertos". Os vicentistas enchiam aquelas paragens com o tropel de seus cavalos, os tiros de seus bacamartes e seus gritos de guerra. Mas quando voltavam para São Vicente, levando suas presas e achados, o que deixavam para trás era sempre o deserto - o imenso deserto verde do Continente".

Érico Veríssimo
O tempo e o vento, la parte



MANDARAM POR SERRA ACIMA
ESPANTAR OS CORAÇÕES;
QUE OS REIS VIZINHOS QUERIAM
ACABAR COM AS MISSÕES,
ENTRE ESPADAS E MOSQUETES,
ENTRE LANÇAS E CANHOES!....

GHEIRAVAM AS BRANCAS FLORES
SOBRE OS VERDES LARANJAIS;
TRABALHAVA-SE NA FOLHA
QUE VEM DOS ALTOS ERVAIS;
COMIA-SE DAS LAVOURAS
DA MANDIOCA E MILHARAIS.



N

a metade do século XVIII a República dos Guaranis - fundada e organizada pela Companhia de Jesus - ocupava metade do que hoje é o Paraguai, o nordeste da Argentina, os campos do pampa riograndense e, em parte, do Uruguai. No Rio Grande do Sul ela incluía índios do agrupamento dos Tapes.

Ao mesmo tempo em que resolviam seus problemas de fronteira, Espanha e Portugal uniram-se contra a república índia e jesuíta. O Tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750, estabelecia que os portugueses abandonariam a Colônia de Sacramento (hoje cidade de Colônia), às margens do Rio da Prata. Em troca, receberiam as áreas à esquerda do Rio Uruguai, mais ao norte, onde havia sete reduções indígenas, os Sete Povos das Missões: San Nicolás, San Luís, San Lorenzo, San Borja, San Angel, San Juan Bautista e San Miguel. Os superiores da Companhia de Jesus deram ordens severas para que se obedecesse ao Tratado fielmente, o que implicava na evacuação dos Sete Povos. Os índios se revoltaram, liderados pelo Capitão Joseph Tiarayu, conhecido por Sepe, corregedor de San Miguel. Muitos padres das reduções, desobedecendo a Ordem, apoiaram os guaranis.

O poema se refere à guerra de ocupação, pelos portugueses vindos de São Paulo e de Laguna e auxiliados pelos espanhóis, do território dos Sete Povos.

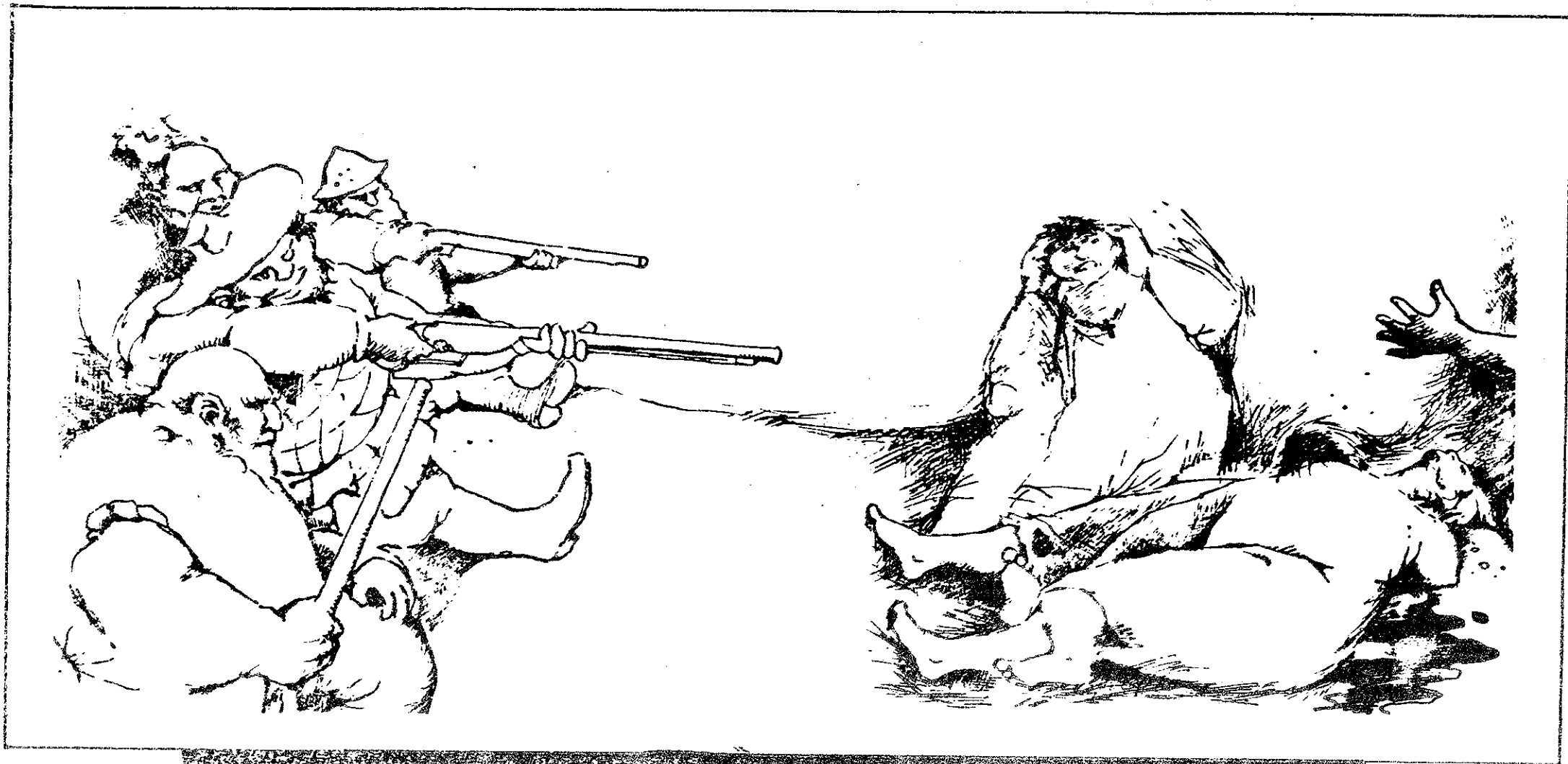
A resistência dos guaranis teve sucesso até 1756. Neste ano morreram em combate Sepe Tiarayu e Nicolás Neenguiru, ou Leenguiru, corregedor da redução de Concepcion (hoje cidade da Argentina). Segundo a lenda, o corpo de Sepe subiu ao céu, levado por seu cavalo e

com suas armas.

Em maio de 1756 os portugueses, capitaneados por Gomes Freire, entravam em San Miguel. Os guaranis a incendiaram, antes da retirada. No fim do ano os invasores ocupavam San Nicolás, o último dos Sete Povos a resistir.

Durante vários anos os índios, refugiados no pampa e nas florestas das encostas, continuariam atacando as tropas de ocupação, em escaramuças e guerrilhas. Mesmo derrotadas e expulsas posteriormente para a banda direita do Rio Uruguai, as forças das reduções somavam 14 mil homens.

Na Páscoa de 1858 o médico alemão Robert Avé-Lallemant visitou as ruínas de San Miguel. Lá conheceu uma mulher guarani que vivia nas redondezas. Nas palavras dele, era "uma índia esbelta, de rosto oval e melancólico, de boca silenciosa, muito encartadora, em torno da qual parecia haver um sorriso extinto para sempre".

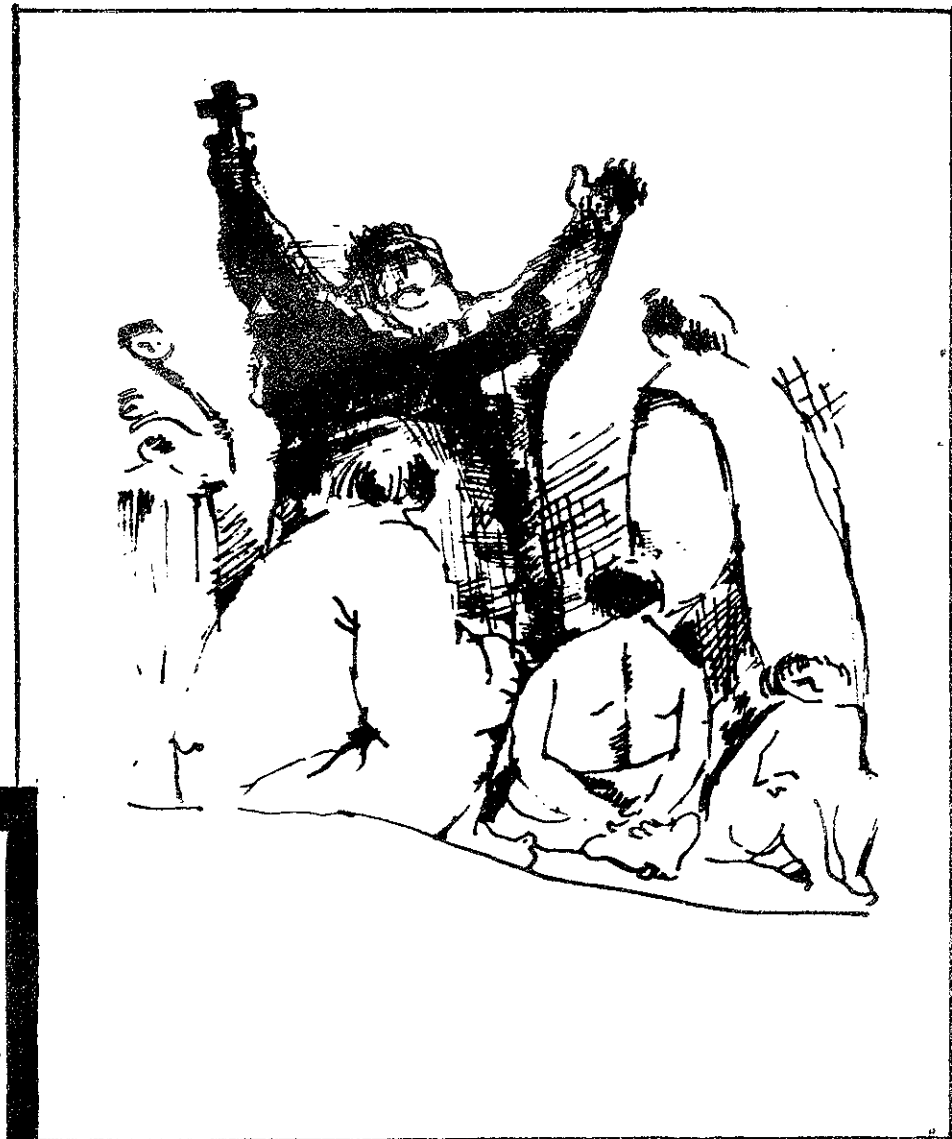
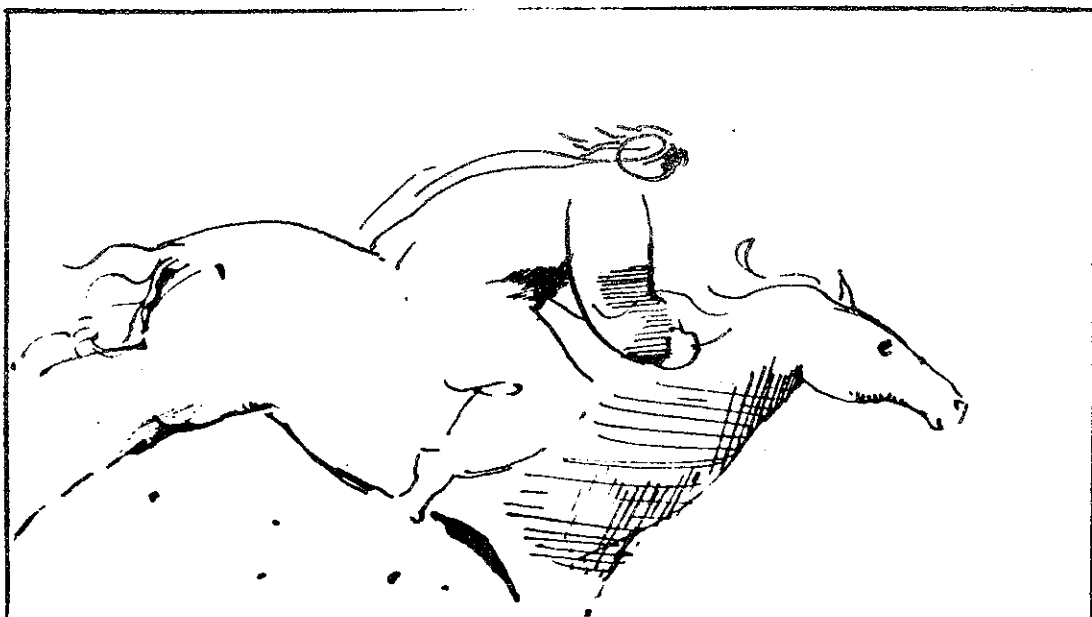


NINGUÉM A VIDA ROUBAVA
DO SEMELHANTE CRISTÃO
NEM A POBREZA EXISTIA
QUE CHORASSE PELO PÃO;
JESUS CRISTO ERA CONTENTE
E DAVA SUA BENÇÃO...

POR QUE VINHA AQUELE MAL
SE O PECADO NÃO HAVIA
O TRIBUTO SE PAGAVA
SE O VIZO REI O PEDIA
E ATÉ SANGUE SE MANDAVA
NA GENTE MOÇA QUE IA...



ERAM ARMAS DE CASTELA ;
QUE VINHAM DO MAR DE ALEM:
DE PORTUGAL TAMBEM VINHAM
DIZENDO POR NOSSO BEM:
MAS QUEM FAZ GEMER A TERRA...
EM NOME DA PAZ NAO VEM!



OS PADRES DA ENCOMENDA
FAZIAM SUA MISSÃO
BATIZANDO AS CRIANÇINHAS
E CASANDO POR UNIÃO
OS QUE JUNTAVAM OS CORPOS
POR FORÇA DO CORAÇÃO

APRENDEU AS LETRAS FEITAS
PELOS PADRES, NA ESCRITURA;
E TINHA POR PENITÊNCIA
QUE SUA PRÓPRIA FIGURA
DE DIA ERA IGUAL AS OUTRAS...
E DIFERENTE EM NOITE ESCURA

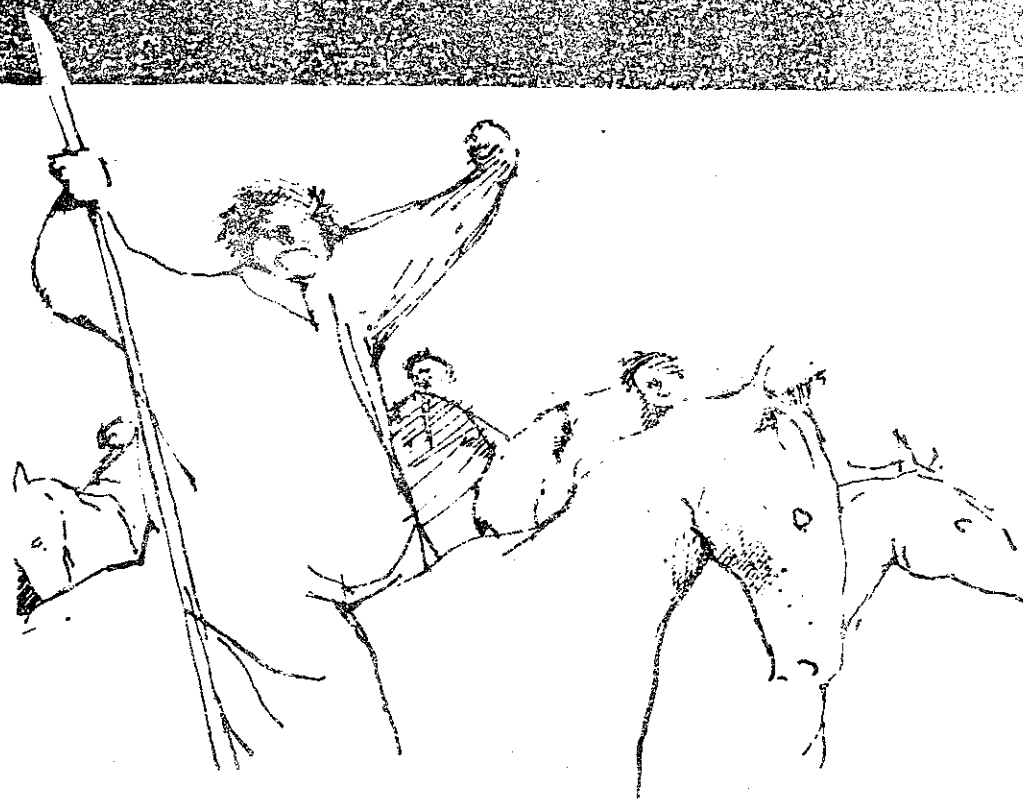
DO SANGUE DUM GRÃ-CACIQUE
NASCEU UM DIA UM MENINO
TRAZENDO UM LUNAR NA TESTA
QUE ERA BEM PEQUENINO
MAS ERA UM-CRUZEIRO-FEITO
COMO UM EMBLEMA DIVINO!

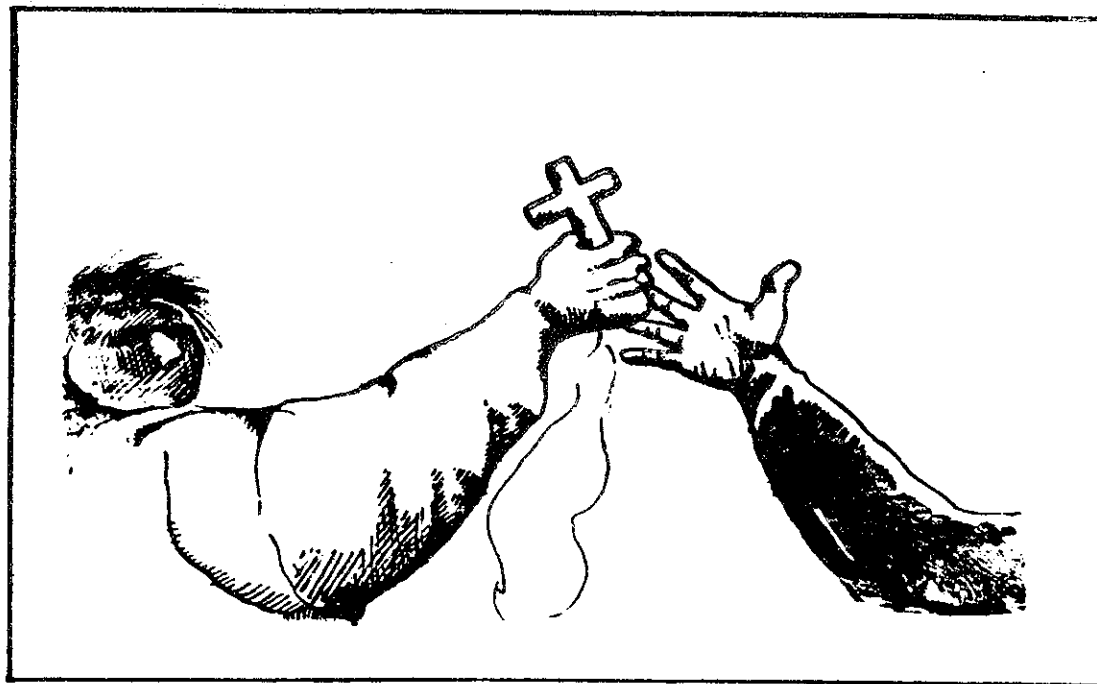
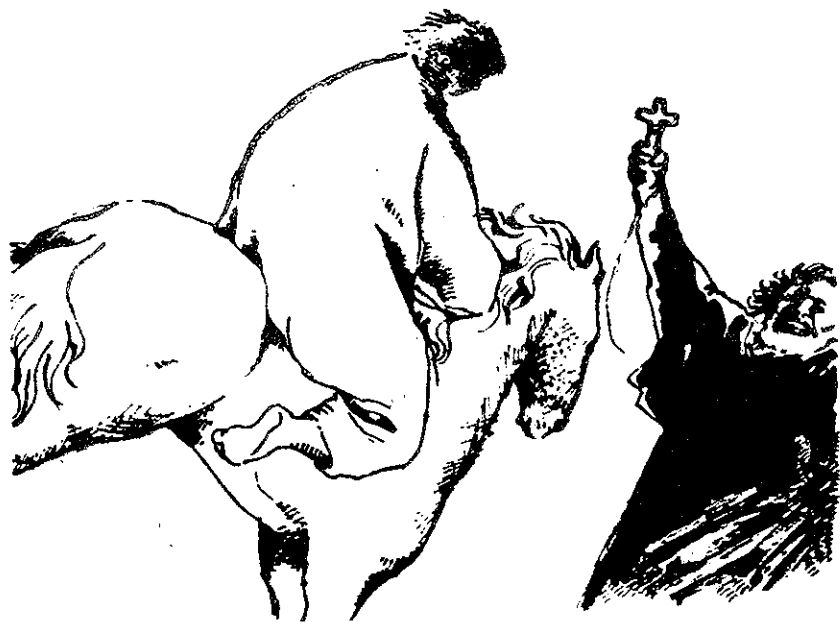
DIFERENTE EM NOITE ESCURA,
PELO LUNAR DO SEU ROSTO
QUE SE TORNAVA VISÍVEL
APENAS O SOL ERA POSTO
ASSIM ERA — TIARAIÚ —
CHAMADO — SEPÉ — POR GÔSTO.



ERA MOÇO E VIGOROSO,
E MUI VALENTE GUEIRREIRO:
SABIA MANDAR MANOBRAS
OU NO CAMPO OU NO TERREIRO;
E NA CRUZADA DOS PERIGOS
SEMPRE ANDAVA DE PRIMEIRO

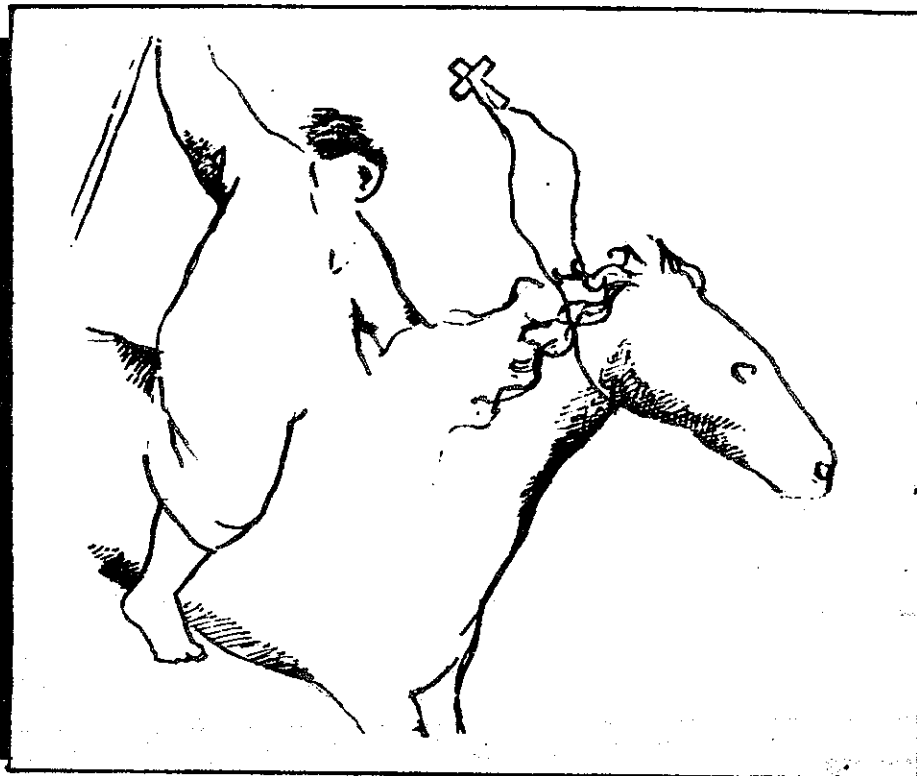
CRESCERAM EM SABEDORIA
E MANDO DOS POVOS SEUS
OS PADRES O INSTRUIRAM
PARA O SERVIÇO DE DEUS
E CONHECER A DEFESA
CONTRA OS MALES DOS ATEUS...





DAS BRUTAS ESCARAMUÇAS
AS ARTES E ARTIMANHAS
FOI GRANDE LANGUIRU
QUE LH' ENSINOU AS FAÇANHAS
DE ENREDAR O INIMIGO
COM O SABER DAS ARANHAS

ETUDO ISSO, APRENDIA;
E TUDO JÁ MELHORAVA,
SEPE-TIARAIÚ, CHEFE
QUE OS SETE POVOS MANDAVA,
ESCUTADO PELOS PADRES,
QUE CADA QUAL CONSULTAVA





Do memorial de Victor Brecheret sobre o Monumento das Bandeiras, cujo projeto foi de sua autoria:

MONUMENTO

A epopéia das "Bandeiras" é de per si uma idéia escultória, tal a impressão de façanha lendária que sugere o ciclópico feito dos paulistas. Considerando em si o ciclo das "Entradas", o trabalho desses titãs da terra e desses Argonautas dos rios, como movimentos sucessivos de uma mesma força contínua, a idéia de um grande bloco se impõe à concepção do artista, o qual não vê na trágica e épica história do desbravamento da terra apenas os episódios - a Caçada das Esmeraldas, a Cavalgada da Conquista, a Varação dos Rios-Oceanos, - mas um impulso do Genio da nacionalidade nascente, alargando e fixando o solo sagrado de uma Pátria.

O artista devia, pois, preliminarmente, alcançar com uma generalização ampla, em massas arquitetônicas, o conceito simbólico das "Bandeiras". O monumento devia exprimir, na harmonia do seu conjunto, unificados em bloco, toda a audácia, o heroísmo, a abnegação, a força, expeditas em desvendar e integralizar o arcabouço geográfico da Pátria.

Desmereceria o seu alto e solene senso de majestade a fixação unilateral de uma ou mais façanhas. A epopéia da Conquista da terra não se fragmenta em episódios; é um todo oriundo de uma obra complexa e continuada, única como expressão de heroísmo e de glória de uma raça.

É por isso que o monumento foi inicialmente concebido em bloco, exprimindo no seu conjunto, pela sobria imponência de suas linhas e pela solidez dos seus grupos, as duas forças criadoras da Epopéia: Audácia consciente e Heroísmo abnegado.

O GRUPO CENTRAL

O grupo monumental, que é a coluna dorsal do monumento, foi movido ritmicamente de maneira a sugerir uma "entrada". A grande massa processional, guiada pelos "Genios" - os Paes Leme, os Antonio Pires, os Borba Gato - avança para o sertão desconhecido. Os Guiadores, a cavalo - Símbolo da força e do comando - são seres titânicos, dignas expressões viris dos sertanistas de S. Paulo. So uma teoria de homens hercúleos poderia simbolizar as coortes dos bandeirantes. É por isso que plasmamos seres vigorosos, hieráticos nas suas posturas, cheios desse misterio que tem o gosto de lenda que nos vem dessa poeira de ouro e bruma que envoa e transfigura os vultos dos Anhangueras, dos Preto, dos Pedroso, dos Raposo.

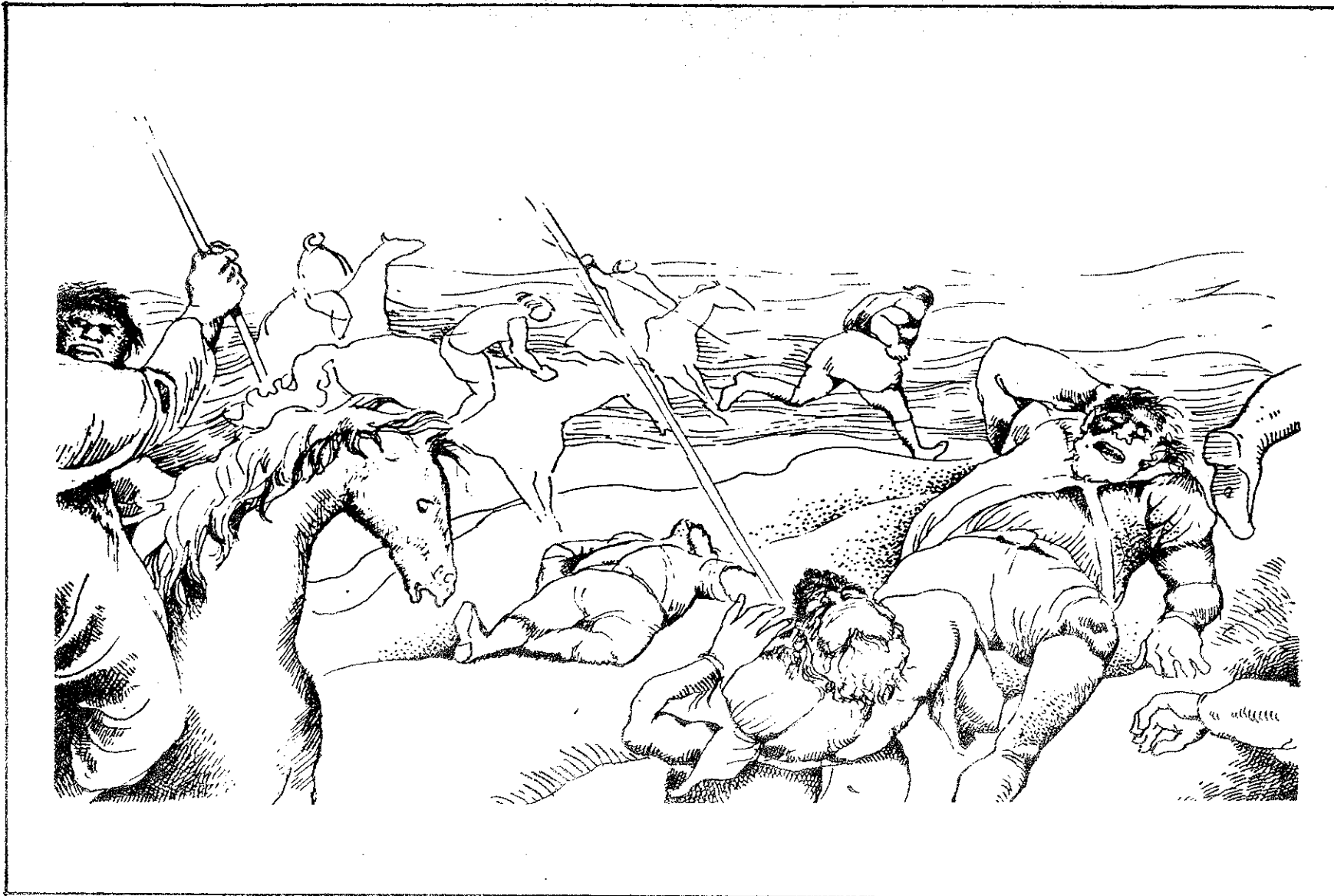
No centro, ao drapejar das bandeiras desfaldadas, uma Vitória espalma as asas que cobrem piedosamente os "Sacrificados", isto é, aqueles sertanistas que tombaram nas ciladas da selva, nas insídias das febres, nas emboscadas dos guerreiros nus e bravios.

O grupo carrega o "Arado", símbolo da obra humana, da fertilidade consciente, que vai substituir a feracidade selvagem e tropical do sertão americano. Na cauda da expedição, com o esporão agudo voltado para o alto, os heróis arrastam a canoa das "monções", destinada a singrar o Tietê histórico que

...a fugir, pouco a pouco se perde no majestoso, vago, infinito sertão..."



publicado em 1920.



QUANDO A GUERRA CHEGOU
POR ORDEM DOS REIS DE ALÉM,
O LUNAR DO MOÇO INDIO,
BRILHOU DE DIA TAMBEM,
PARA QUE OS POVOS VISSÊM
QUE DEUS LHE QUERIA BEM...



ERAM ARMAS DE CASTELA
QUE VINHAM DO MAR DE ALÉM
DE PORTUGAL TAMBÉM VINHAM
DIZENDO POR NOSSO BEM:
MÁS QUEM FAZ GEMER A TERRA
EM NOME DA PAZ NÃO VEM

OS MOSQUETES ESTRONDEIAM
SÓ A GENTE IGNORADA
QUE, ACIMA DO SEU ESPANTO,
TEM A VIDA DECEPADA...;
E COLUBRINAS MAIORES
FAZEM MAIOR MATINADA!...

DÓCIL GENTE, NÃO RECEIA
AS IRAS DE PORTUGAL:
PORQUE NUNCA HOVE LEMBRANÇA
DE HAVER-LHE FEITO MAL:
NUNCA MANCHARA SEU TETO...;
NUNCA COMERA SEU SAL!...



E DE CASTELA, TAMPOUCO
 ESPERAVA TAL FUROR;
 POIS SENDO SEU SOBERANO,
 RESPEITARA SEU SENHOR;
 JÁ LHE DERA OUTRO E SANGUE,
 E PRIMAZIA E HONOR!...

A DOR ENTRAVA NAS CARNES...
 NA ALMA, A NEGRA TRISTEZA,
 DOS GUERREIROS DE TIARAÍU,
 QUE PELEJAVAM DEFESA,
 PORQUE O LUNAR DIVINO
 MANDAVA AQUELA PROEZA...

E RAM ARMAS DE CASTELA
 QUE VINHAM DO MAR DE ALEM;
 DE PORTUGAL TAMBEM VINHAM,
 DIZENDO POR NOSSO BEM
 MAS QUEM FAZ GEMER A TERRA...
 EM NOME DA PAZ NÃO VEM!

Acervo
ISA

ERA LOMBA DA DEFESA,
NAS COXILHAS DE IBAGÉ,
CACIQUE MUITO MATREIRO
QUE NUNCA MUDOU DE FÉ:
CAVALO DEU A NINGUÉM...
E A NINGUÉM DEIXOU DE A PÉ...

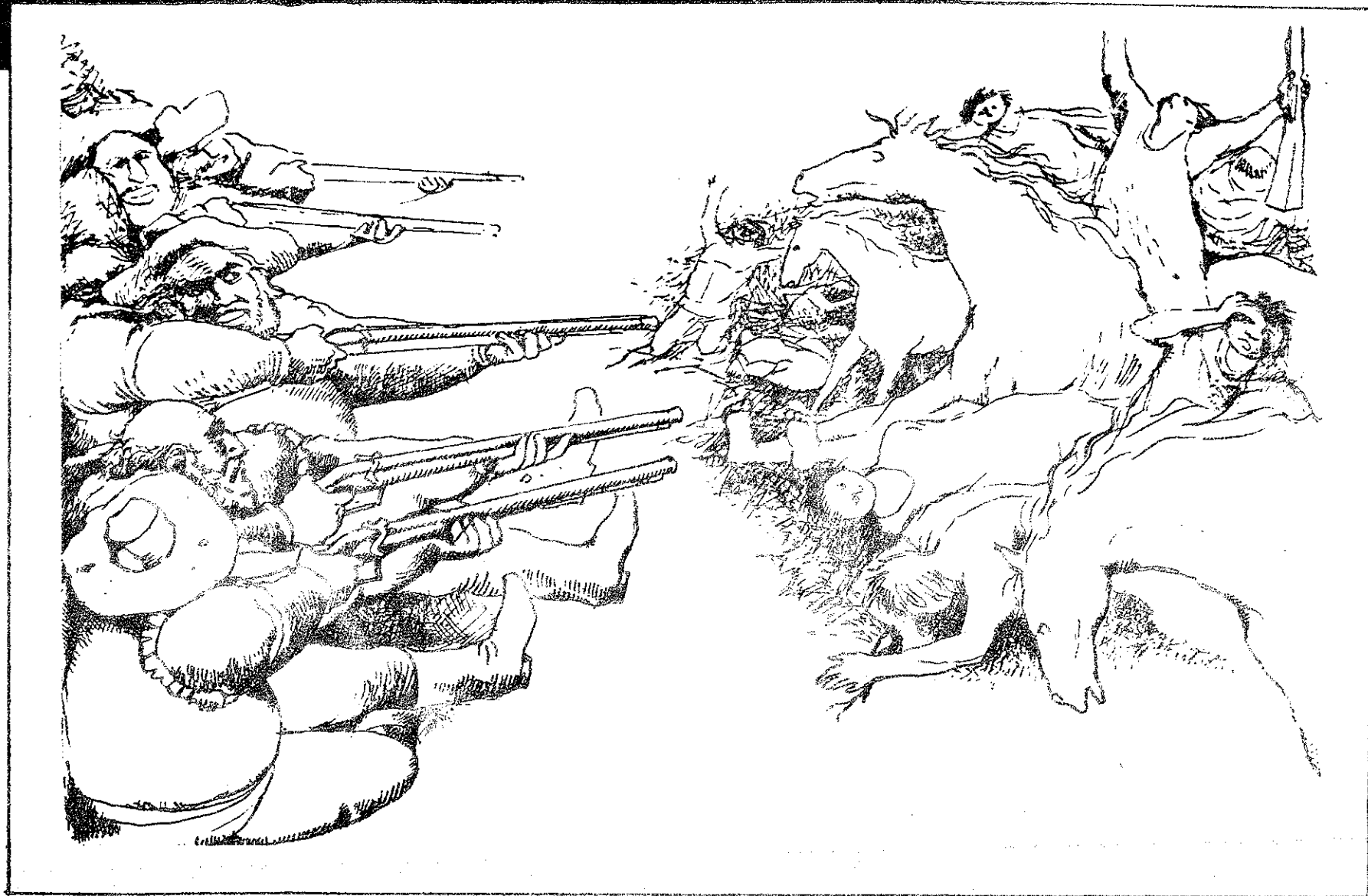
BANÇARAM-SE CAVALEIROS
E INFANTES, COM PARTAZANAS,
CONTRA OS TAPES DEFENSORES
DO SEU POMAR E CABANAS;
A MORTANDADE BATIA,
COMO CEIFAS DE ESPADANAS...



GOURAÇAS DURAS, DE FERRO,
DAVAM ABRIGO À VIDA
DOS MUITOS, QUE, ASSIM FIADOS,
CERCAVAM UM SÓ NA LIDA!...
UM SÓ, QUE DE FLECHA E ARCO,
ENTRA NA LUTA PERDIDA...

JÁ RODAVAM JINETES
SOBRE OS CORPOS DOS INFANTES
DAS SETE SANTAS MISSÕES,
QUE PARECIAM GIGANTES!...
NA PELEJA TÃO SOZINHOS...
NA MORTE TÃO CONFIANTE!

MAS, O LUNAR DE SEPE
ERA O RASTRO PROCURADO
PELOS VASSALOS DOS REIS,
QUE O HAVIAM CONDENADO...
FICANDO O POVO, VENCIDO...
E SEU HAVER CONQUISTADO!



A

principal razão por que os jesuítas conseguiram liderar os guaranis foi a ausência de escravidão na república teocrática que idealizaram. Nela, os índios eram trabalhadores-livres, e desconhecia-se a propriedade privada de bens de produção em larga escala. Na defesa das reduções a cavalaria desempenhava função primordial. Os guaranis, como os tapes, tornaram-se excelentes cavaleiros, combatendo com o sabre, a lança e o mosquete.

Isso contribuiu para seu fim enquanto nação. Liderados pela Companhia de Jesus, que mantinha fidelidade à Coroa Espanhola, participaram decisivamente da repressão a movimentos de independência no Paraguai, durante a primeira metade do século XVIII. Doze mil guaranis ameaçaram marchar sobre Assunção, ao lado das tropas reais, que partiam de Buenos Aires, para liquidar uma comuna de insurgentes em 1734. A comuna entregou-se sem resistência. É verdade que nenhuma destas insurreições teve em seu programa o fim da escravização dos índios, que eram a principal força de trabalho da região. Criou-se um círculo vicioso: os índios não aderiam aos rebeldes por medo da escravatura; estes não prometiam nada aos índios - a não ser vingança.

Os jesuítas impediram a constituição de um governo unificado índio, o que lhes dificultou a resistência na guerra dos Sete Povos. Havia 33 reduções na república guarani. Apenas 12 (e sete eram as reclamadas) combateram diretamente na guerra missioneira. E somente em 1756, quando a resistência já estava fadada a derrota, Nicolás Heenguiru conseguiu organizar estas doze sob um comando único.

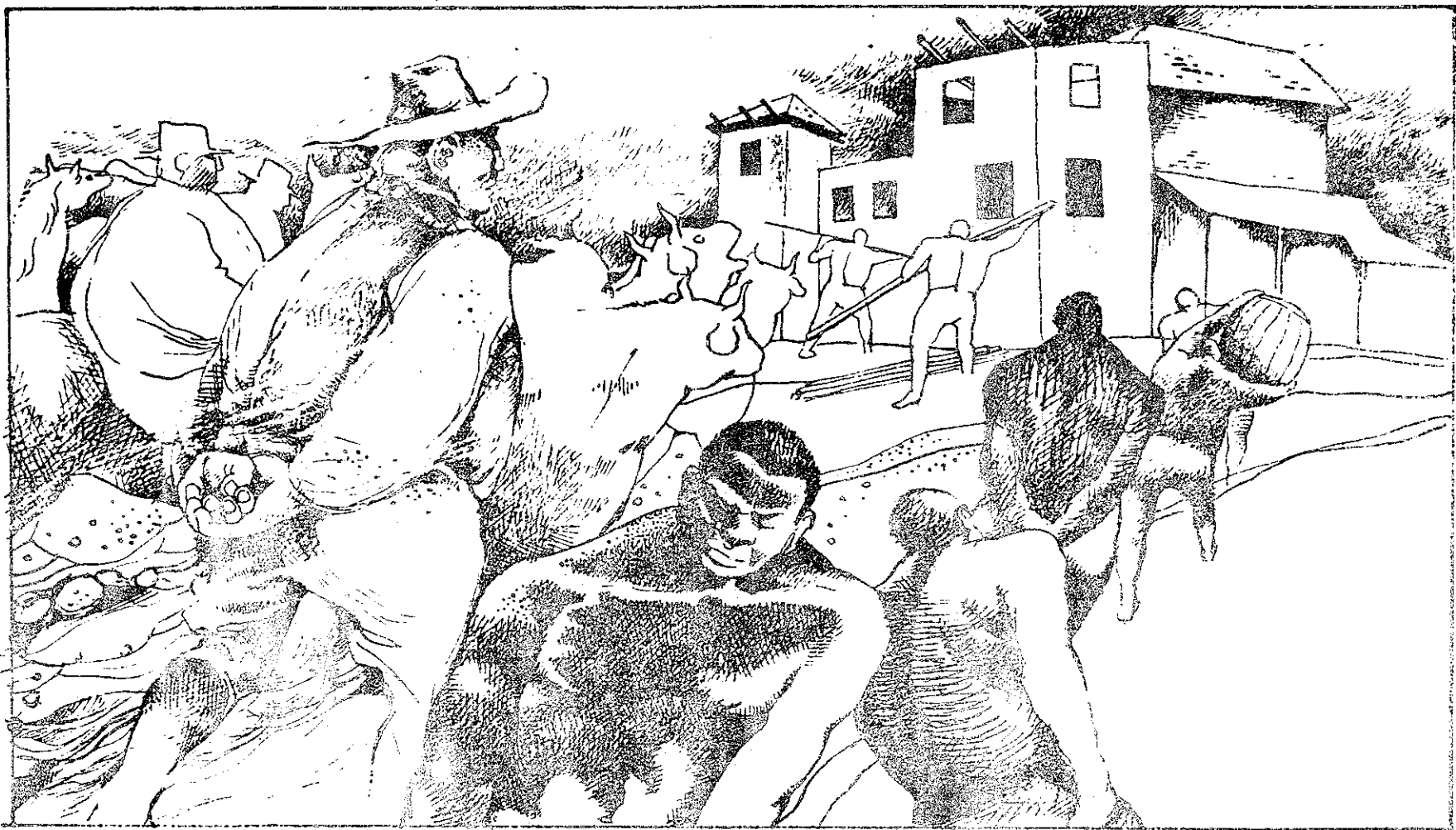
Com a derrota dos Sete Povos os espanhóis consolidaram seu domínio sobre a foz do Rio da Prata. Não poderiam permitir a presença do eficaz e poderoso exército dos guaranis, não submetido diretamente a suas ordens, no coração das colônias sulamericanas. Além disso, a dissolução progressiva das outras reduções jesuíticas supriu os espanhóis com farta mão de obra escrava. Os portugueses conquistaram a hegemonia sobre o então Continente do Rio Grande de São Pedro, região que o trabalho indígena enriquecera previamente, onde se multiplicavam as manadas de gado e de cavalos, muitas ainda em estado bravo.

A guerra dos Sete Povos foi de conquista, extermínio e expulsão. Difere, neste sentido, das primeiras expedições dos bandeirantes contra as missões de Guaira (hoje Paraná), de Itatín (hoje parte do Mato Grosso) e de aldeamentos mais primitivos no sul. Estas expedições destinavam-se ao apresamento de escravos. Na guerra das missões interessava o território. Não havia por que fazer prisioneiros. Nas reduções, embora subsistissem formas de castigo corporal (no máximo de 25 açoites), era desconhecida a pena de morte.

ENTÃO, SERÉ FOI ERGUIDO
PELA MÃO DO DEUS SENHOR,
QUE LHE MARCARÁ NA TESTA
O SINAL DO SEU PENHOR!...
O CORPO FICOU NA TERRA...
A ALMA SUBIU EM FLORI!...



ESUBINDO PARA AS NUVENS,
MANDOU AOS POVOS — BENÇÃO
QUE MANDAVA O DEUS-SENHOR
POR MEIO DO SEU CLARÃO...
E O-LUNAR-DA SUA TESTA
TOMOU NO CEU POSIÇÃO...



ERAM ARMAS DE CASTELA
QUE VINHAM DO MAR, DE ALEM
DE PORTUGAL TAMBEM VINHAM
DIZENDO POR, NOSSO BEM
SEPE ITIARAU, FICOU SANTO
ANEMI ANEMI ANEMI ...